

RESENHA, CRÍTICA OU PROPAGANDA?

Myriam Anne Mascaux*

Centro Universitário de Belo Horizonte

Resumo:

A partir de um trabalho desenvolvido sobre Resenha e a questão da pertinência de suas marcas textuais na sustentação de seus propósitos, dois aspectos se destacaram: o caráter crítico e o caráter propagandista da resenha. Em decorrência das similitudes que a resenha pode apresentar com a crítica e a propaganda, perguntei-me quais seriam as marcas consideradas, no momento da leitura, como parâmetros de diferenciação entre uma Resenha e uma Crítica e entre uma Resenha e uma Propaganda. Afinal o que nos permite separar, classificar e diferenciar a Resenha da Crítica ou da Propaganda?

O que se entende por Resenha? Diria que a Resenha é geralmente definida como um texto que trata de tópicos relacionados ao cotidiano “cultural” de uma determinada comunidade; um texto de exposição relativamente sucinto, porém preciso em relação à construção de referência de um objeto cultural, como por exemplo, um livro, um CD ou um filme. Mas será que a Resenha é só isso?

Para melhor entender em que consiste o texto Resenha e quais são as suas particularidades, é preciso pensar nos vários aspectos que o constituem (formato, tipo de enunciação, função, efeito de sentido pretendido, suporte em que se encontra etc.). E para perceber esses vários componentes textuais, é preciso considerar as marcas textuais como índices reveladores desses aspectos. Isso, é claro, baseando-se no princípio de que o sentido do texto é elaborado pelo leitor a partir das próprias condições de produção dessa leitura. Por exemplo, se observamos quais são os índices transmitidos pelos códigos verbais, quando esses variam de forma, de voz, de modo ou de tempo, podemos constatar que uma frase no presente do indicativo tem um caráter assertivo e que o uso deste tempo verbal não é fortuito, porque contribui para o fortalecimento de uma certa posição em relação a um determinado assunto. Por outro lado, a mesma frase no futuro do pretérito teria um impacto completamente diferente sobre seu leitor. Na frase “*É só sentar no sofá que você é transportado para a melhor poltrona do cinema*” o efeito produzido pelo uso do verbo “ser” no presente do indicativo tem uma força de persuasão muito maior do que se o verbo estivesse no futuro do pretérito: “*Seria só sentar no sofá que você seria transportado para a melhor poltrona do cinema*”.

São marcas textuais também as diferentes formas discursivas tais como a afirmativa, a interrogativa, a exclamativa, a negativa etc., a pessoa empregada, a “voz do texto”. Também devem ser considerados como índices textuais os caracteres gráficos de impressão (negrito, sublinhado, itálico, tamanho, tipo de letra, etc), o tamanho do texto, e sua organização no suporte material (“lay out”) e suas vizinhanças (onde se encontra, no jornal, por exemplo, junto a que outro texto, etc.). Todos esses elementos constituem marcas indicadoras de sentidos a serem consideradas no momento da leitura.

* Este artigo foi produzido no centro Universitário de Belo Horizonte, a partir do trabalho de Iniciação científica: “Habilidades na Leitura de Resenhas - A compreensão do Aspecto crítico”, desenvolvido no contexto da pesquisa “*Caracterização da realidade dos alunos que ingressam no UNI-BH*” e orientado pela Professora Maria Helena Almeida Ribeiro Starling.

“Um texto não ganha sentido senão através da atividade de interpretação de seus leitores, a qual reconstrói sentido a partir dos índices disponíveis na materialidade textual”(Bronckart, 1999:145).

A referência contextual e pragmática é ainda outro elemento essencial: serve como pilar referencial e aponta caminhos para a construção de possíveis sentidos. É este aspecto que reforça a importância da identificação de suporte, de gênero, de tipo de enunciação e de objetivos a serem alcançados na abordagem de textos e, mais precisamente, na relação a ser estabelecida entre o componente pragmático e a própria natureza e o objetivo do texto em questão.

“A compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender.” (Kleiman, 1997:10).

Uma mesma idéia pode ser desenvolvida sob diversos formatos, diversos gêneros, enquadrados em diferentes suportes de acordo com os objetivos perseguidos. Além dessas condições de produção, é preciso levar em conta o que o texto faz, ou seja, a ação do texto. Entender essa ação significa entender a função do texto como *“uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em contextos particulares.”* (Marcuschi, 2000:4). É nesse aspecto que se desenvolvem as considerações abaixo.

Existem vários tipos de Resenha. Cada Resenha deve, dependentemente da postura adotada e do objetivo visado, inscrever-se num local físico que, por sua vez, já pertence a uma linha sócio-ideológica estabelecida. A adequação dessa inserção é fator preponderante para atingir seu público alvo. Cada leitor se dirige preferencialmente para um tipo de suporte com o qual se identifique. Se considerarmos critérios mais específicos como, entre outros, a faixa etária, a camada social, as aspirações ideológicas, pode-se dizer que cada Resenha tem o seu lugar e que os discursos e os formatos de cada uma serão determinados em função deste mesmo suporte e, por consequência, também do seu público alvo. Pode-se ter, por exemplo, várias Resenhas sobre um mesmo livro que se formatarão de maneira diferente e que adquirirão ao mesmo tempo estruturas textuais diferenciadas de acordo com seus possíveis e diferentes suportes e enunciatários¹. Portanto, dependendo da difusão do suporte em questão, a Resenha se encontra mais ou menos enriquecida de elementos discursivos/pragmáticos convincentes.

Dessa forma, o fato de uma Resenha apresentar uma crítica positiva ou negativa vai ser determinado pelo suporte. Uma Resenha inserida num jornal pode apresentar aspectos críticos negativos. Por outro lado, a Resenha de um livro que se encontra na capa deste mesmo livro deverá obviamente apenas apresentar os aspectos positivos do livro resenhado, tendo em vista o lugar onde se encontra. Neste caso, a Resenha não existe simplesmente para divulgar, resumir ou opinar sobre o “produto”, mas, sim, para “segurar” o leitor que já está com o livro em mãos, no intuito de finalmente convencê-lo a levar o livro consigo. É por essa razão que se pode dizer que existe uma estreita relação entre, de um lado, o gênero textual e o efeito de sentido pretendido; e, de outro, o suporte e o formato textual.

Portanto, esse caráter funcional é um aspecto importante a ser considerado. A Resenha, quer seja aberta e assumidamente crítica, quer aponte para certas tendências,

¹ Estou considerando como enunciatário o leitor idealizado pelo autor.

gostos e posições de forma mais insidiosa, será sempre inevitavelmente vinculada a um “produto”, à matéria prima à qual se refere (livro, filme, peça de teatro, música etc.), e será da mesma forma automaticamente ligada à questão da *valoração* ou não deste produto; ou seja, por mais objetiva que pretenda ser a Resenha, ela não deixa de representar um determinado olhar sobre um determinado “objeto”. A Resenha tem um valor, de fato, diretamente associado ao *consumo* e à *crítica*. Ela diz para o leitor o que é bom, o que não é, aconselha-o nas suas compras, e direciona-o para o que deve ou não assistir e orienta-o em relação aos eventos dos quais deve ou não participar.

Enfim, se o objetivo da Resenha perpassa os limites da divulgação e busca incitar seu leitor a adotar uma determinada atitude em relação ao conteúdo tratado, pode-se concluir que tem a capacidade de influenciar seu leitor como o faria uma *Propaganda*, alimentando ou aniquilando o desejo desse leitor para com o material divulgado.

Ao considerar o caráter *propagandista* da Resenha, podemos observar que sua intencionalidade é similar à da própria Propaganda que também age com a perspectiva de divulgar e promover. Poder-se-ia então perguntar: qual a fronteira que separa a Resenha da Propaganda? A questão de gênero se encontra necessariamente ligada ao efeito de sentido pretendido pelo texto (ato perlocutório)? Quais aspectos precisam ser considerados para a delimitação entre a Resenha e a Propaganda?

Uma nítida diferença entre a Resenha e a Propaganda se materializa principalmente na forma e no tamanho do texto, sendo a Resenha talvez a mais “intermediária” e a mais “discreta”. A Propaganda, por outro lado, se revela geralmente de uma forma mais explícita, menos pudica, sem grande tentativa de disfarçar seus propósitos.

A partir do conceito de que a Resenha pretende divulgar um feito cultural e opinar sobre sua qualidade, é claro que, por se posicionar sobre determinados assuntos e adotar uma determinada postura em relação a um ponto de vista defendido, produz um valor subjetivo e, conseqüentemente, *crítico*.

Para pensar nos diferentes critérios de categorização de gênero e nas margens que separam certas produções que apresentam características parecidas, como já foi comentado em relação à Resenha e à Propaganda, poder-se-ia perguntar em que difere uma Resenha de um outro texto avaliativo, crítico e que também apresenta um cunho propagandista, como, por exemplo a *Crítica* (literária, musical, cinematográfica, etc.).

A Crítica geralmente encontrada nos mesmos tipos de suportes que a Resenha (jornais, revistas, etc.) apresenta traços formais muito similares a esse gênero. Opina sobre um dado evento ou produção cultural, faz (mas não sempre) uma síntese geral dos dados referentes ao assunto em pauta e o critica positiva ou negativamente para, embora nas entrelinhas, também promovê-lo ou não. Em suma, se os suportes são similares ou parecidos, se os formatos se assemelham, qual será então o ponto demarcador do limite da diferença entre um (a Resenha) e o outro (a Crítica)?

A grande diferença entre a Resenha, a Crítica e a Propaganda, além dos seus formatos, reside nos recursos (lingüísticos e semióticos) e nos modos de emprego desses recursos para o contato com seus leitores potenciais. Não se “fala” nem do mesmo lugar nem da mesma forma para todo mundo.

Os recursos lingüísticos funcionam e se organizam de forma relativamente similar nesses tipos de textos. A Propaganda e a Resenha se referem a um determinado produto que pertence a uma determinada e restrita área de conhecimento; há, pois, uma relação de referência texto/produto que geralmente centraliza o assunto. Uma Propaganda de um vídeo, por exemplo, enfoca a tecnologia audiovisual; uma Resenha sobre um livro pode ressaltar suas qualidades ou seus defeitos estilísticos e

conteudísticos, mas normalmente não extrapola o objeto referencial além das margens por este determinadas; a Crítica, numa outra dimensão, pode se apoiar no “objeto resenhado”, como no caso de uma crítica feita a uma minissérie de TV, apenas para fundamentar o aspecto discursivo/ideológico em que o enredo se assenta e não somente para promover ou não a minissérie. A crítica tem por objetivo primordial a discussão de aspectos sociais, culturais, humanísticos, políticos, econômicos, etc., sustentados por uma obra.

Os textos abaixo “Pais da TV” de Alcino Leite Neto (in jornal de resenhas - Especial - Folha de São Paulo, 10/03/2001), “Ausência indômita” de Hélio Schwartzman (in TV Folha, Folha de São Paulo, 09/09/2001, p. 2) e “JVC” (in Viaje Bem, Vasp’s on board magazine, nº 1, 1997, p. 21) servem como exemplos.

Texto 1

Pais da TV

Gonçalo Júnior

Conrad Livros (Tel. 0/xx/11/279-9355)

400 págs., R\$ 45,00

O título infeliz deste livro pode dar margem a enganos. “Pais da TV”, reunião de 16 entrevistas feitas pelo jornalista Gonçalo Júnior, não traz apenas depoimentos de pioneiros da televisão brasileira (como Dias Gomes, Boni, Armando Nogueira, Walter Avancini, dentre outros), mas também de personalidades mais jovens, como os diretores Wolf Maia e Guel Arraes. As entrevistas são quase todas elas interessantes, mas têm desenvolvimento irregular e perdem muitas vezes a precisão e a incisividade. Feitas originalmente para o jornal “Gazeta Mercantil”, ao reeditá-las agora, na íntegra, Gonçalo Júnior deveria ter sofisticado a sua empreitada, refazendo partes do trabalho, repercutindo os depoimentos uns nos outros e tentando imbuir-se de um propósito investigativo mais intenso e organizado.



CRÍTICA

Ausência indômita

HÉLIO SCHWARTSMAN

NÃO foi apenas a voluptuosidade das formas de Mel Lisboa que chamou a atenção em "Presença de Anita". Os dois principais personagens da minissérie fumavam. Fumavam compulsivamente, a ponto de despertar a ira do Ministério da Saúde.

Se eu fosse sacana, diria que o ministro José Serra quis censurar o programa. A iniciativa de "advertir" Manoel Carlos, o autor de "Presença de Anita", contudo, não partiu de Serra, mas do Instituto Nacional do Câncer, o Inca, que é apenas ligado ao ministério.

Destaco o entrevero entre as autoridades sanitárias e a Globo para ilustrar o grau de cobrança — alguns diriam patrulha — que a sociedade impõe sobre espetáculos televisivos.

Com todo o respeito pelo trabalho do Inca na área médica, a idéia de sugerir que o autor da novela mude a caracterização de seus personagens para não prestar um desserviço à nobre causa da saúde pública é, em termos estéticos, ridícula. "Mutatis mutandis", deveríamos pedir a Homero contenção nos versos em que descreve mortes violentas. Dostoiévski seria proscrito, por ensinar estudantes a roubar e assassinar velhinhas. Nem Rabelais escaparia, pois — sabemos hoje — os desbalanceados banquetes pantagruélicos fazem mal à saúde.

Não estou, obviamente, comparando Manoel Carlos a Homero, Dostoiévski ou Rabelais. Só quero enfatizar que existe uma tensão entre a liberdade de criação, os imperativos estéticos, e a obra que admite interferências externas, de autoridades ou do público. E o que me pergunto é se essas intervenções, de algum modo, não comprometem a obra de arte. Será que o autor, para contentar a todos, não trai a lógica da história?

"Presença de Anita" deveria retratar o romance entre um homem maduro casado e uma ninfeta. Trocando em miúdos, a série abordava, ainda que meio veladamente, a pedofilia, a qual segue sendo, mesmo em tempos de liberação sexual, a perversão maldita. Mais do que o cigarro.

Avançou-se um pouco na aceitação do homossexualismo; o sadomasoquismo já não provoca o mesmo escândalo de outrora; um fetichismo "light" é tido como tempero saudável para a vida sexual. Até aquelas parafilias que nem sabíamos que existiam são tratadas menos como sem-vergonhice do praticante e mais como distúrbio psicosssexual. Mas a pedofilia, por conspurcar nossas idéias sobre a pureza das crianças, permanece anátema, condenada pela totalidade dos códigos penais do Ocidente e um dos poucos temas incessantemente patrulhados até na libérrima internet.

A idéia de falar de pedofilia na TV aberta já nasce, portanto, sob formidáveis pressões, que obviamente afetam conteúdo e forma do programa. A própria escolha de Mel Lisboa para interpretar a protagonista é um aspecto. A lógica da trama certamente exigiria uma Anita ainda mais jovem, com idade inferior aos parcos 19 anos da atriz. É claro que haveria aí um impedimento legal, principalmente no Rio de Janeiro do incansável juiz Siro Darlan.

Algo parecido ocorre com as cenas de sexo, que são mais insinuadas do que propriamente mostradas. Se, por

um lado, essa estratégia dá plasticidade e graça à série, ela também ajuda a escamotear a questão principal, que passa, sim, pela conjunção carnal, entre um homem maduro e uma jovem que não deveria ser mais do que uma criança.

Não estou evidentemente sugerindo que a Globo vá para um paraíso sexual filmar cenas que a legislação brasileira veda. Além de moralmente errado, o resultado estético correria grande risco de ser ruim, algo não muito diferente de apenas mais uma fita pornográfica.

De resto, como já observou Voltaire, "o segredo de aborrecer é dizer tudo". Qualquer história, para ter graça, deve deixar coisas no ar. O totalmente explícito, ao castrar a imaginação do leitor/espectador, como que se anula.

Essa é uma das razões pelas quais, em minha modesta opinião, a literatura é essencialmente superior a formas de expressão artística que lidam com imagens, como a TV e o cinema. Assistir a um filme é como assinar um contrato de adesão: você acaba ficando com o pacote fechado, sem a possibilidade, que existe no livro, de moldar um personagem mais a seu gosto, isto é, de imaginar a protagonista com aquelas curvas que o deixam especialmente maluco.

Mas já estou me perdendo. É claro que todo autor escreve para um público, de carne e osso ou apenas imaginado pelo escritor. E esse público evidentemente acaba de algum modo influenciando no trabalho. Quando interfere demais, é maior o risco de a obra sair desfigurada, traíndo sua própria lógica interna.

Em "Presença de Anita", caminha-se sempre a um passo do paradoxo: como falar de pedofilia sem falar de pedofilia? O resultado é um texto que não convence, apesar das convincentes sinuosidades de Mel Lisboa.

A pergunta que fica é se a TV não é um veículo permeável demais a pressões — alguns diriam covarde — para tratar de temas polêmicos, como a pedofilia, que resvalam no limite da ilegalidade.



Texto 3



QUER PEGAR UM CINEMA HOJE NA SALA 1, NO QUARTO 2 OU NO ESPAÇO 3? HOME THEATER JVC.

No espaço onde antes cabia apenas uma televisão, agora você pode colocar um cinema de verdade. Home Theater JVC. O elenco é composto pelo mais talentoso trio das telas, do vídeo e da música: TV 29" JVC, videocassete JVC Hi-Fi Stereo e o novo JVC MX-D8T, o primeiro equipamento de som compacto específico para Home Theater. O JVC MX-D8T tem cinematográficos 1400 W PMPO de potência. E já vem com Dolby Pro Logic Surround e um conjunto de caixas acústicas frontais, laterais e central que envolvem todo o ambiente. É só sentar no sofá que você é transportado para a melhor poltrona do cinema, a cadeira pativa do estádio ou o camarote do teatro. Home Theater JVC. O tamanho é de curta. Mas a emoção é de longa.

JVC
A perfeição levada ao exagero.

Em cada um dos textos acima os recursos lingüísticos empregados giram em volta de uma certa agilidade discursiva (no campo semântico, metafórico, etc.). Há em cada texto a marca de um pressuposto conhecimento prévio a ser ativado pelo leitor na abordagem dos textos a serem lidos. Um dos caminhos para a escolha do que se lê ou não é a relação que se estabelece entre o conhecimento prévio do leitor e as marcas lingüísticas agenciadas pelo autor. Por exemplo, o leitor do texto “Ausência indômita” deve ativar seu conhecimento prévio a respeito do vocabulário (pedofilia, fetichismo light, “mutatis mutantis” etc.), da trama da minissérie, das reações da sociedade à novela.

Os recursos semióticos empregados na Crítica, na Resenha e na Propaganda podem ser organizados numa gradação de ordem crescente de apresentação. Considerando esses recursos extra - verbais nas suas funções de auxílio à postura e aos objetivos pretendidos por cada tipo de texto, a *Crítica* é a que menos se sujeita à necessidade desse tipo de recursos. O peso do julgamento proferido pela Crítica (texto nº 2) se encontra geralmente muito bem constituído a partir do emprego dos próprios enunciados: “Não foi apenas a voluptuosidade das formas...”, “fumavam compulsivamente”, “obviamente”, “só quer enfatizar”, “destaco o entrevero”, “a idéia de falar de pedofilia na TV aberta já nasce, portanto, sob formidáveis pressões...”). A crítica se auxilia também, em raras ocasiões, de atribuições mais visuais tais como uma formatação particular dos caracteres (maiúscula, negrito, itálico, reticência, etc.) ou de recursos gráficos e fotográficos. No caso do texto acima citado, o retrato da atriz Mel Lisboa e uma ponta de um cigarro aceso atuam como recursos semióticos no meio da configuração original da página da “TV Folha”. Apesar de reforçar o direcionamento da leitura pretendido pelo texto e de ativar o conhecimento prévio do leitor a respeito da novela e, ainda, de agir como “isca” atraindo a atenção de eventuais leitores, esses

recursos são apenas um *acréscimo* nessa configuração. A crítica poderia muito bem ter sido apresentada sem essa estratégia mantendo, não obstante, sua força ilocutória e perlocutória.

Já a *Resenha* pode apresentar maior quantidade de recursos gráficos, (além da formatação dos caracteres, como descrito no caso da crítica), como ilustrações, a reprodução da capa do livro em pauta etc., de forma a acrescentar informações e a promover uma relação mais imediata com seu leitor potencial. O caráter de instantaneidade dos aparatos visuais funciona muito bem como “estímulo” da atenção e, pois, como tática de “sedução”. Os mais diversos recursos gráficos (os caracteres de formatos diferenciados, as cores, as imagens, as fotografias, etc.) atraem os olhares e captam as atenções. Desta forma, esses recursos são ligados ao caráter *propagandista* da Resenha.

A *Propaganda*, por sua vez, apresenta inúmeros recursos semióticos que constituem, essencialmente, seu corpo. Geralmente, nesse gênero, o texto ocupa menos espaço do que os recursos semióticos. Para melhor exemplificar este conceito, pode-se perceber que mesmo uma propaganda aparentemente constituída na sua essência de recursos lingüísticos como no texto nº 3, “Home theaterJVC”, dedica uma grande parte da sua configuração aos efeitos semióticos. Além da fotografia, que ocupa todo o espaço físico da página, o próprio aspecto verbal, sobreposto à imagem, abriga também vários recursos gráficos (caixa alta, negrito), inserção de algarismo e até mesmo expressões como “sala 1”, “quarto 2”, “espaço 3” que podem, a meu ver, sugerir uma sala de cinema, imagem que transportaria o leitor para fora de casa. O texto continua altamente metafórico, ou deveria dizer, cinematográfico! Apresenta-se o conjunto tecnológico de aparelhos como o elenco de um filme: “*O elenco é composto pelo mais talentoso trio das telas, do vídeo e da música: TV29”JVC, videocassete JVC Hi-FiStereo e o novo JVC MX-D8T(...)*”. Por outro lado, em relação ao discurso nota-se que a propaganda adota um tipo diferenciado dos encontrados nas Resenhas ou nas Críticas: geralmente a Propaganda “fala” diretamente com seu leitor, o discurso é direto, elaborado na segunda pessoa; dessa forma o leitor é convidado a estabelecer o *diálogo*.

No texto “Ausência indômita” percebe-se que a postura do autor se revela altamente crítica e, como se pode observar, a crítica é dura, violenta, portanto nada boa. Mas será essa crítica realmente dirigida ao objeto, à minissérie? Claro que não, a crítica proposta por Hélio Schwartzman vai muito além da minissérie em si para atingir ‘vários outros tópicos como a questão da censura, do desvio em relação a assuntos essenciais subliminares à trama e da valoração da literatura em oposição ao cinema ou à TV.

Mas o que interessa no caso é perceber em que difere o texto “Ausência indômita” do texto “Pais da TV”. Por que classificamos este como Resenha e aquele como Crítica?

Uma primeira observação consiste em considerar a amplitude da Crítica. A Crítica se estende muito além do produto, seu objetivo não parece ser necessária e exclusivamente voltado para a valorização ou não da minissérie em questão, mas sim, para o mundo no qual se enquadra. Por outro lado, ao observar com maior cuidado o texto “Pais da TV”, percebe-se que o enfoque do texto é claramente voltado para o produto, o livro em questão, criticando-o sob diferentes aspectos, às vezes negativa e às vezes positivamente, de forma a transmitir uma impressão pessoal sobre o livro lido. Apesar de uma certa crítica feita ao título escolhido pelo livro, Alcino Leite Neto, autor da Resenha “Pais da TV”, não deixa de despertar a curiosidade do leitor para com o livro, justificando a crítica negativa ao título pelo fato de o livro trazer mais depoimentos do que o título leva a pensar. Ressalta também que as entrevistas reunidas

no livro “são quase todas elas interessantes”. O olhar de Alcino sobre o livro oscila invariavelmente sobre um mesmo e único tema: o livro. Ora elogiando-o, ora apontando seus defeitos, Alcino nos deixa curiosos em relação ao produto.

Concluindo: a Resenha, a Crítica e a Propaganda se distinguem essencialmente a partir da função de cada um (o que faz cada texto, como o faz e por que o faz). Procurar parâmetros que diferenciem esses gêneros significa tentar vislumbrar a tênue margem que os separa. Foi com este objetivo que procurei apontar as ações feitas por cada um desses três gêneros. Essas ações revelaram configurar-se de modo diferenciado em determinado quadro situacional. Como retratado acima, os objetivos perseguidos e os suportes adotados, embora apresentem características similares, não são os elementos principais que configuram a diferenciação desses três gêneros. Tanto a Resenha quanto a Propaganda ou a Crítica opinam sobre determinados produtos e acabam, mesmo que involuntariamente, promovendo-os ou não. Cada gênero desenvolve uma configuração tendo em vista o objetivo proposto, numa relação particular com seus leitores. O que os diferenciam então, não é só o suporte, nem só o objetivo, mas sim a forma adotada para a realização de ações específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRONCKART, Jean Paul (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo, Educ, PUC.
- KLEIMAN, Angela (1997). *Texto Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. 5.ed. São Paulo, Pontes.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (2000). *Gêneros textuais: o que são e como se classificam?* Recife, UFPE.
- LEITE NETO, Alcino (2001). Resenha de “Pais da TV” de Gonçalo júnior. Jornal de resenhas - Especial - *Folha de São Paulo*, 10 de março de 2001, p.7.
- SCHWARTSMAN, Hélio (2001). Ausência indômita. Crítica da minissérie Presença de Anita. Tv Folha. *Folha de São Paulo*, 9 de setembro de 2001, p. 2.